

O Congresso tem a cara do Brasil

AUGUSTO NUNES

Embaixador do Brasil em Washington no governo João Goulart ministro do Planejamento no governo Castello Branco, embaixador do Brasil em Londres no governo



Ernesto Geisel e senador por Mato Grosso nos governos João Figueiredo e José Sarney, o professor Roberto Campos parecia pertencer à rarefeita linhagem dos que foram a todas as festas, viram todos os filmes — e portanto perderam o direito de desconcertar-se com a sempre surpreendente comédia humana. Parecia. Aos 73 anos, vividos com competente intensidade, o brasileiro Roberto de Oliveira Campos tem procurado ouvidos amigos para soprar-lhes sua tristonha perplexidade.

“Eu não merecia isso”, repete Roberto Campos. Candidato a deputado federal pelo PDS do Rio de Janeiro, ele acha que não merecia estar disputando com o cantor (e ex-deputado) Agnaldo Timóteo a segunda das duas vagas suposta-

mente reservadas ao partido no Congresso. A primeira, presume-se, ficará com o deputado Amaral Neto. À custa de ordenhar incansavelmente o generoso úbere eleitoral da pena de morte, Amaral Neto vem multiplicando admiradores no universo de brasileiros desconfiados de que, para bandidos, cadeia é pouco: melhor é despachar criminosos diretamente para o cemitério. Restaria ao esquálido PDS fluminense, assim, só mais uma vaga, disputada por dois caçadores de votos: Roberto Campos e Agnaldo Timóteo.

Pelo menos os brasileiros cujas leituras tenham ultrapassado a fronteira das 500 páginas — aí incluídas receitas culinárias e bulas de remédios — deveriam endossar o desconsolo do senador. Homem de pensamento num país que beira a indigência em matéria de idéias, coerente numa terra em que votos são trocados pela nomeação de algum afilhado, preso a convicções no paraíso da barganha, Roberto Campos de fato não merecia sofrer a concorrência de Agnaldo Timóteo.

Se o currículo do cantor inclui dezenas de sucessos e alguns merecidos discos de ouro, a folha corri-

da do deputado Agnaldo Timóteo é bem mais modesta. De sua passagem pela Câmara do Deputados, ficou a lembrança de meia dúzia de brigas que protagonizou no plenário e um discurso cuja singularíssima abertura deixou estupefatos os mais tarimbados taquígrafos: “Alô, mamãe.” Como não são muitos os brasileiros que leram mais de 500 páginas, jazem nos anais do Congresso as belas peças retóricas já produzidas na tribuna

Roberto Campos merece disputar uma vaga na Câmara com Agnaldo Timóteo?

por Roberto Campos. Mas o “Alô, mamãe” do deputado Agnaldo Timóteo virou samba-enredo na Marquês de Sapucaí.

O Congresso tem a cara do Brasil — e a cara do Brasil, decididamente, está mais para Agnaldo Timóteo que para Roberto Campos. O senador, por exemplo, sabe expressar-se fluentemente em vários idiomas, do inglês ao grego. Num País que trata a socos e pontapés a própria língua, é compreensível que, para milhões de eleitores, Ro-

berto Campos pareça estar falando grego o tempo inteiro.

Seria injusto debitar a culpa, nesse caso, na conta dos ouvintes. Ao longo dos tempos, as elites brasileiras forjaram — ou ao menos não impediram que tal aleijão se configurasse — um tipo de sociedade que, para cada Roberto Campos, produz milhões de cidadãos de segunda classe que não entendem o que ele diz. É compreensível que, agora, considerem demasiado hermético o discurso do candidato. No caso específico do Rio, o vasto eleitorado que nunca ouviu sequer falar no senador se mostra emblematicamente sensível tanto ao populismo brizolista quanto ao populismo antibrizolista, terreno no qual no momento circula Agnaldo Timóteo. Não é preciso frequentar bancos escolares para entrar em sintonia com o irracional.

Milhões de brasileiros só chegaram à idade do voto por terem resistido às seqüelas da miséria, entre as quais as produzidas pela carência dramática de proteínas e neurônios. Não se pode exigir de quem não teve o que comer alguma afinidade com quem sabe usar os talheres certos.

Augusto Nunes é diretor de redação do Estado.